

Saída de emergência

Damiana Pereira de Sousa

[Professora e pesquisadora de literatura indígena]

Ela estava quebrada, seu corpo incólume. Insônia diária e sempre sozinha. Cansada de tentar. Pressão por todos os lados e remédio para tudo. Opressões, discriminações, desrespeito, assédio. Gente tóxica. Frustrações acumuladas, desejos reprimidos e sonhos interrompidos. O divã já não resolve. E um certo dia ela decidiu. Queria terminar com tudo, queria acabar com a dor. E ela terminou, sem pressa e sem medo. Alguns questionaram “*Por que ela fez isso?*” “*Qual o motivo?*” “*Quais os porquês?*” “*Será que não pensou na família?*” Outros lamentaram “*Ahhh, tão nova e tão bonita*” “*Uma vida inteira pela frente*” “*Tanta coisa para viver*”. ... Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), atualmente mais de 700 mil pessoas tiram a própria vida por ano. Transtornos mentais, mudanças de comportamento são sinais em suas rotinas diárias. Esse dado representa uma a cada 100 mortes registradas. Entre os jovens de 15 a 29 anos, o suicídio aparece como a quarta causa de morte mais recorrente, atrás de acidentes no trânsito, tuberculose e violência interpessoal. Entre 2010 e 2019, ocorreram no Brasil 112.230 mortes por suicídio, com aumento de 43% no número anual de mortes, de 9.454 (2010) para 13.523 (2019). Além disso, a OMS destaca que para cada suicídio há muitos mais que tentam ou têm desejo suicida grave. No contexto desses dados preocupantes e alarmantes encontra-se uma sociedade adoecida, fragmentada e precarizada. Sociedade produtivista, narcisista, racista, machista e misógina. Assim, é pertinente salientar que o suicídio possui múltiplas causas e determinações. Segundo a professora Carmem Lúcia Costa (Universidade Federal de Catalão), em muitas situações ele se torna a última escolha quando a vida se torna insuportável e quando a pessoa perde a capacidade de elaborar o sofrimento. Dito isso, cada cultura é afetada conforme seus modelos de “desenvolvimento” e por seus processos históricos. Em países como a Coreia do Sul, por exemplo, as taxas de suicídios são bem elevadas. O psiquiatra Ha Giu-sup (Universidade Nacional de Seul e presidente da Associação Sul-Coreana para Prevenção do Suicídio), apresentou o maior índice de suicídio entre os 32 países mais ricos do mundo, quando ocorriam “40 suicídios diários, de pessoas comuns, do meio artístico, políticos, membros das mais variadas classes sociais”, sendo os idosos os mais afetados. Dois motivos foram apontados na explicação desse cenário: 1) a sociedade Sul-coreana vive acelerado processo de envelhecimento e os idosos não se prepararam para viver tanto tempo pois, quando jovens, as pessoas não chegavam aos 60 anos.

2) a crise financeira asiática de 1997. O suicídio era a quarta causa de mortes na Coreia do Sul, ou seja, a sociedade sul-coreana toma o suicídio como uma forma de solucionar os problemas, como uma saída de emergência ([Portal do Envelhecimento, 2014](#)).

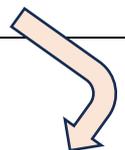
Conforme matéria recente no [uol](#) (2022), um ciberespaço tóxico e violento na Coreia do Sul tem levado muitas celebridades ao suicídio. A reportagem aponta que ativistas alertam para uma crise de cyberbullying no país. Comentários de ódio e misóginos proliferam em fóruns da Internet. De estrelas do K-pop a figuras menos conhecidas as vítimas são recorrentes. Vários são os casos, como: em 2019, a estrela do K-Pop Goo Hara tirou a própria vida depois de ser ameaçada com “pornografia de vingança” por um ex-namorado. Semanas antes, sua amiga e companheira Sulli também havia sido encontrada morta, após sofrer vários ataques online por, entre outros motivos, não usar sutiã. Na sociedade sul-coreana as crianças são ensinadas a ter “fome” de sucesso, vivendo desde cedo numa competição sem limites, são treinadas a se tornarem adultos extremamente produtivos e bem-sucedidos. Isto significa entrar na Universidade Nacional de Seul e conseguir emprego em empresas como a Samsung.

Trabalhar ininterruptamente e estudar até vomitar para obter o almejado “sucesso”. Um sucesso individualizado, nada coletivizado, evidenciado nas séries sul-coreanas (*doramas* ou *k-dramas*) disponíveis na Netflix, que retratam as exaustivas rotinas de estudo das crianças e de trabalho dos adultos e mostram muitos casos de suicídios nesse contexto. Segundo a mesma reportagem do uol, qualquer pessoa “percebida como diferente da norma” corre o risco de sofrer um ataque virtual do qual é difícil se recuperar.

Mulheres e pessoas de grupos minoritários na esfera pública são particularmente vulneráveis a esses ataques. A falta de leis contra a discriminação expõe ainda mais as vítimas. É como se a sociedade não tolerasse suas existências... Pois bem! Qualquer uma das jovens coreanas descritas neste texto poderia ser brasileira, norte-americana, africana ou indígena. A opressão, a discriminação e a violência estão em todos os espaços, em todos os lugares, fazendo vítimas e mais vítimas. A luta contra o machismo e a misoginia é cansativa e perigosa, pois mulheres que combatem esse tipo de opressão são ameaçadas de morte e estupro, como desabafou a ativista sul-coreana Kim Ju-Hee em entrevista à AFP News: “*Sinto que isso nunca vai acabar, a menos que eu tire minha vida e desapareça*”. E quando se trata de povos indígenas o tema é ainda mais amplo, pois só no Brasil há 305 etnias com 274 línguas, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

O Ministério da Saúde aponta que o registro de óbitos por suicídio é maior entre os indígenas se comparado com brancos e negros.

Entre as mulheres indígenas a taxa também é maior (7,7), na comparação com brancas (2,7) e negras (1,9). O registro de óbitos por suicídios na população indígena é três vezes maior que a média nacional. Soma-se às causas citadas neste texto, as particularidades, subjetividades e espiritualidades de cada povo e os aspectos externos que atravessam suas condições de vida. É preciso pensar na incessante luta pela efetivação de seus direitos, afirmação de suas identidades, e as discriminações e violências que sofrem há mais de 500 anos de colonização, provocando ainda seu adoecimento mental, uma ameaça clara a suas existências. Diante disso, destaca-se a grave situação do adoecimento coletivo mundial.



Enfatiza-se as consequências dos modelos de desenvolvimento adotados nas diferentes culturas e conforme cada contexto. A busca pelo enriquecimento, o consumismo e a incansável luta pelo “sucesso” vêm produzindo humanos frágeis, adoecidos, individualistas e reprodutores (as) de preconceitos e discriminações enraizadas nos processos históricos de cada sociedade. Em contrapartida, é importante endossar a luta incansável de ativistas por um mundo sem violência, sem opressão e sem discriminação.

Que lutam pelos direitos humanos, pela saúde dos trabalhadores (as) e pela floresta.

É adoecedor respirar num mundo poluído, tóxico, que produz lixo e mais lixo. É preciso questionar: O que esperar da sociedade atual?

Que mundo desejamos para as futuras gerações? Teremos futuras gerações? Vamos continuar assistindo ao mesmo filme?

Ou vamos lutar por uma sociedade justa, igualitária e saudável?

O caminho é espinhento e é possível não sobreviver, mas, e se sobrevivermos? Se coletivamente conseguirmos? Já pensou?

Chegou a hora dos humanos enxergarem outra saída de emergência...

Toda vida é uma missão secreta... (Clarice Lispector)



OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.